

com Brasil Crescimento não-inflacionário

Não faz muito tempo, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República, avaliava que, se a economia brasileira crescesse mais do que cresceu em 1993, o Plano Real poderia fracassar. Os técnicos do instituto, como boa parte dos economistas, acreditavam que o aquecimento da demanda poderia não ser atendido pela produção ou pelas importações, o que acabaria por exercer uma pressão insuportável sobre os preços em geral. A aceleração da inflação tornaria inevitável a reativação dos mecanismos de correção automática dos preços, o que seria fatal para o Plano Real, que, nesta etapa, tem como principal objetivo justamente acabar com a indexação da economia.

Felizmente para a economia brasileira e para os brasileiros, a avaliação do Ipea estava errada. Na última estimativa para o crescimento do PIB em 1994, o Ipea prevê uma expansão maior do que a de 1993: 4,6%, contra os 4,2% do ano passado. Mas, ao contrário do que temiam os técnicos do instituto, não há sinais de que o Plano Real esteja ameaçado. A inflação medida pelos principais índices — como o Índice de Preços ao Consumidor da Fipe, o Índice Geral de Preços da Fundação Getúlio Vargas e o IPC-r do IBGE —, que em novembro ficou acima de 3%, neste mês deve ficar em torno de 2%, ou mesmo abaixo desse nível.

“Fizemos o que muitos não acreditavam: controlar a inflação, mantendo o crescimento econômico”, disse o presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, responsável pela elaboração e lançamento do Plano Real, ao comentar a nova previsão do Ipea.

É a primeira vez, desde 1987, que a economia brasileira cresce dois anos seguidos. Se se confirmar a previsão do Ipea, conhecido por fazer análises quase sempre pessimistas sobre o comportamento da economia brasileira, será também a pri-

meira vez, desde 1985, que a economia crescerá mais do que no ano anterior.

A relativa estabilização da economia, as expectativas favoráveis com relação ao governo Fernando Henrique, a recuperação econômica dos principais países industrializados com os quais o Brasil mantém fortes laços comerciais compõem um quadro que permite supor que em 1995 a economia brasileira continuará a se expandir, quem sabe até mesmo no nível de 6% ou 7% ao ano, como previu há algum tempo o ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo, que vem acompanhando com atenção tudo o que acontece em nosso país.

Dirigentes sindicais que, quando o real entrou em circulação, temiam eventuais efeitos recessivos do plano, como a redução do nível de emprego e dos salários, hoje constataam uma salutar ativação do mercado de trabalho. De julho, quando o real entrou em circulação, até o final de novembro, nada menos do que 353 mil empregos foram criados na região metropolitana de São Paulo, conforme pesquisa da Fundação Seade e do Dieese, cujos dados relativos a novembro comentamos há dias.

Em dezembro, mesmo que não tenha havido um número muito grande de novas contratações, pois este é um mês em que o nível de emprego não se altera muito, o ritmo de trabalho foi intenso. Ramos industriais que tradicionalmente concedem férias coletivas a seus empregados nesta época do ano, como têxtil e de alimentos, suspenderam a prática, para atender ao consumo. Nas empresas que não costumam conceder férias coletivas, aumentou o número de horas extras. Por causa disso, dirigentes sindicais estão prevendo que, em janeiro de 1995, não haverá redução do nível de emprego, como ocorreu em anos anteriores. Na pior das hipóteses, o nível ficará estável; na melhor, e mais provável, haverá novas contratações. Espera-se, por isso, um bom começo de ano para os trabalhadores.

7 DEZ 1994

JORNAL DA TARDE